

Comportamento Semanal de Mercado

8 a 15 de março



Aguardando os guidances

Nem tanto pela decisão que já se sabe ratificará um novo corte de -0,50 p.p. na taxa Selic para 10,75% a.a., a grande ansiedade da semana advém de uma possível mudança no “*forward guidance*” da política monetária emitido pelo Comitê de Política Monetária (Copom).

Se há risco na manutenção das diretrizes em uma conjuntura de lenta desinflação e desancoragem das expectativas, na ausência de uma evidência de uma deterioração concreta do cenário da inflação, o intuito de conferir um maior grau de liberdade para o gerenciamento do balanço de riscos será interpretado como uma deterioração no cenário básico de inflação, o que trará volatilidade na estrutura a termo da taxa de juros e com chance de ser contraproducente na recuperação da atividade que esteve estagnada no 2º semestre de 2023.

Embora o IPCA de fevereiro tenha ficado acima das projeções, com uma alta de 0,83%, o indicador apresentou uma composição benigna, com a desaceleração nas medidas subjacentes.

Ademais, a curva futura de juros tem precificado uma taxa real de juros ex-ante para 1 ano muito próxima de 6,0% a.a., patamar contracionista que supera com folga a taxa neutra de 4,5% a.a. indicada pelo Banco Central e recomendado para a convergência da inflação à meta.

Na série com ajuste sazonal, o índice de atividade econômica (IBC-Br) avançou 0,60% em janeiro, acelerando de 0,22% em dez/23 para 0,90% na base trimestral. Utilizado como indicador antecedente do PIB, o IBC-Br refletiu as altas de 2,5% no varejo e de 0,7% no volume de serviços, além da retração de -1,6% na produção industrial. Em 12 meses, o índice apresentou uma alta de 2,47% a.a.. Ainda sem contemplar os números positivos para o setor de comércio e serviços, a projeção de expansão do PIB no Boletim Focus avançou de 1,77% em 01/03 para 1,78% em 08/03. Já o Caged apontou que foram criadas 180,4 mil vagas de trabalho formais em janeiro.

Na semana que se inicia, o Federal Reserve (Fed) também fará a sua reunião de política monetária em que a taxa básica de juros permanecerá entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a.. Aqui os anseios estarão voltados para uma possível manutenção da indicação de 3 cortes de -0,25 p.p. em 2024 em um cenário de resiliência da atividade e gradual desaceleração da inflação. Com o aumento do pessimismo nos mercados globais, a ferramenta FedWatch do CME Group reduziu a probabilidade de queda de -0,25 p.p. na reunião de junho de 59,6% no dia 11/03 para 55,2% na última sexta-feira.

Para esta semana, destaques também para as divulgações do IGP-10, confiança do consumidor FGV e arrecadação federal, além das vendas no varejo e produção industrial da China, PMI manufatura e serviços nos EUA e na Zona do Euro e para a inflação ao consumidor e confiança do consumidor na Zona do Euro.

Expectativas

Como já apontado, as projeções para o crescimento econômico continuam avançando no Boletim Focus. Gradualmente, as estimativas para a expansão do PIB aproximam-se de 2,00% para 2024. Ainda sem contemplar os números positivos para o setor de comércio e serviços, a projeção de expansão avançou de 1,77% em 01/03 para 1,78% em 08/03 (1,60% há 1 mês). Sem alterações, as previsões para o crescimento de 2025, 2026 e 2027 permaneceram em 2,00%.

No que tange às projeções inflacionárias, apesar do cenário mais positivo para esse ano em relação a 1 mês atrás, persiste a desancoragem parcial das expectativas dentro do horizonte relevante para a política monetária. Para 2024, a mediana das previsões para o IPCA saiu de 3,76% para 3,77% (3,82% há 1 mês), enquanto a mediana para 2025 continuou em 3,51% e a para 2026 e 2027 em 3,50%.

Da mesma forma, mantendo desancoragem em relação à meta de 3,0%, a curva da inflação implícita com base nas negociações das NTN-Bs e incorporando os prêmios de risco apresentou uma modesta variação na semana. Entre os dias 8 e 15 de março, as projeções para o prazo de 1 ano partiram de 3,25% para 3,17%, as de 2 anos elevaram-se de 3,92% para 3,94% e as de 3 anos de 4,32% para 4,36%.

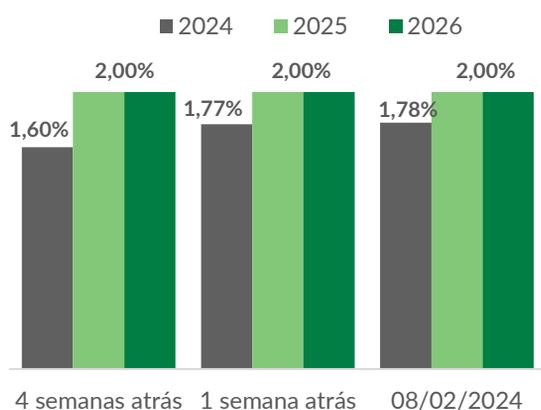
Apesar das discussões de uma eventual mudança de rota nos ajustes na taxa Selic, o Focus continua precificando uma trajetória que levaria os juros para 9,00% ao final de 2024. O ciclo de flexibilização se estenderia, com a taxa terminando em 8,50% a.a. ao fim de 2025, mantendo-se nesse patamar até o término de 2027.

O cenário esperado para o câmbio ficou estável. A estimativa para o fim de 2024 seguiu em R\$ 4,93 (R\$/US\$ 4,92 há 1 mês). Para 2025, a mediana continuou em R\$/US\$ 5,00, para 2026 em R\$/US\$ 5,04 e para 2027 em R\$/US\$ 5,10.

Nas contas externas, a boa performance recente da balança comercial favorece as projeções. Espera-se que o saldo comercial alcance US\$ 82,0 bilhões em 2024, ante US\$ 80,98 bilhões da semana anterior e US\$ 76,45 bilhões há 1 mês. Para 2025, o volume ampliou-se de US\$ 72,05 bilhões para US\$ 74,55 bilhões (US\$ 70,00 bilhões há 1 mês). Com isso, o resultado para o déficit em conta corrente diminuiu no período de US\$ -35,50 bilhões para US\$ -35,00 bilhões (US\$ -36,20 bilhões há 1 mês) para 2024 e de US\$ -40,00 bilhões para US\$ -38,35 bilhões (US\$ -40,00 bilhões há 1 mês) para 2025.

Por fim, as projeções fiscais ainda mostraram poucas alterações. O déficit primário em relação ao PIB variou de -0,78% para -0,79% para 2024, permanecendo em -0,60% para 2025 e em -0,50% para 2026. A projeção para 2027 oscilou de -0,29% para -0,30%.

PIB – Mediana das projeções



IPCA – Mediana das projeções

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	08/03/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
fev/24	0,77	0,77	0,70
mar/24	0,24	0,24	0,27
abr/24	0,35	0,35	0,38
2024	3,77	3,76	3,82
2025	3,51	3,51	3,51
2026	3,50	3,50	3,50

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Os sinais contraditórios dos indicadores de preços e atividade nos EUA, divulgados na semana, reforçaram o cenário de que Fed deverá manter uma postura conservadora no que se refere à política monetária. Em linha com as expectativas, o índice de preços ao consumidor (CPI) subiu 0,4% em fevereiro ante um aumento de 0,3% em jan/23, acumulando uma taxa de 3,2% a.a. (3,1% a.a. em jan/24). Ratificando o lento processo de desinflação, a medida de núcleo que exclui itens voláteis como alimentos e energia também aumentou 0,4% no mês, fazendo com que a taxa anualizada desacelerasse de 3,9% a.a. em jan/24 para 3,8% a.a.. Em fevereiro, grande parte da pressão sobre os preços pôde ser atribuída ao comportamento da energia e dos combustíveis.

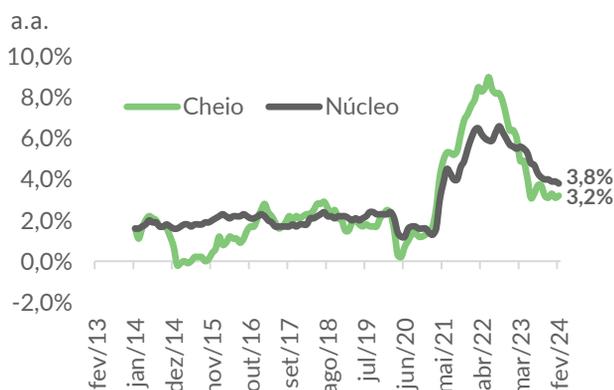
Colocando em xeque a velocidade de convergência à meta, a inflação no atacado (PPI) acelerou de uma alta de 0,3% em jan/24 para 0,6% em fevereiro. O resultado mensal é atribuído ao aumento de 1,2% nos preços dos bens finais, enquanto os preços dos serviços subiram apenas 0,3% em relação a jan/24. Excluindo-se os alimentos, energia e serviços comerciais, o indicador aumentou 0,4% ante 0,6% em jan/24. Assim, o avanço anual o PPI cheio era de 1,6% a.a. ante 1,0% em jan/24, enquanto a medida de núcleo mantinha um ritmo de 2,8% a.a. ante 2,7% em jan/24.

Impulsionado por aumentos nas vendas nas concessionárias de automóveis e nos postos de gasolina, o indicador do varejo dos EUA cresceu 0,6% na margem, adicionalmente houve a revisão para baixo dos dados de jan/24 de -0,8% para -1,1%. Dessa forma, observa-se uma modesta recuperação, graças à diminuição dos gastos dos consumidores por causa da inflação e dos custos mais elevados dos empréstimos. Após a revisão da variação de jan/24 de -0,1% para -0,5%, a produção industrial aumentou apenas 0,1% em fevereiro, reforçando os sinais de que a economia esteja lentamente desaquecendo-se. Já a utilização da capacidade instalada permaneceu em 78,3%. Por sua vez, o índice de atividade industrial *Empire State*, que mede as condições da manufatura no Estado de Nova York, caiu -20,9 em março, ante -2,4 em fev/24 e o -8,0 previsto. Os pedidos iniciais por seguro-desemprego recuaram em -1 mil na semana finda em 08/03 para 209 mil, enquanto os números da semana anterior foram revistos de 217 mil para 210 mil. Mostrando poucas alterações na leitura preliminar, a confiança do consumidor medida pela Universidade de Michigan ficou em 76,5 em março ante 76,9 em fev/23. No que tange às expectativas inflacionárias, permaneceram em 3,0% para o prazo de 1 ano e em 2,9% para 5 anos.

Na China, acima do avanço esperado de 5,0%, indicado em levantamento do Wall Street Journal, a produção industrial subiu 7,0% no 1º bimestre de 2024 em relação ao mesmo período em 2023. Também surpreendentemente, as vendas no varejo avançaram 5,5% na comparação interanual de janeiro e fevereiro ante uma projeção da FactSet de 5,2%. Da mesma forma, os investimentos em ativos fixos tiveram expansão de 4,2% ante uma expectativa da FactSet de 3,5%. Apesar dos dados positivos, o setor imobiliário continua sendo foco de preocupação, com uma acentuada queda nas vendas de novas moradias no período.

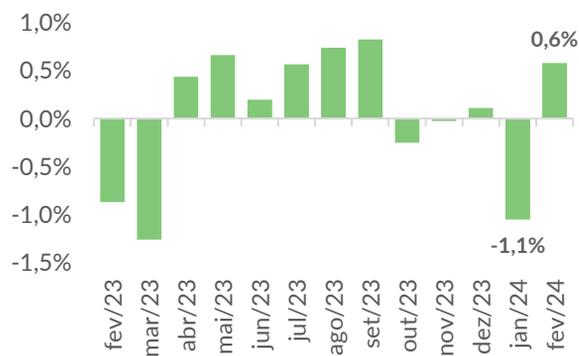
Por fim, na zona do euro, a produção industrial sofreu expressiva queda de -3,2% em janeiro, resultado bem pior do que o esperado pela FacSet de um recuo de -0,8%.

EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)



EUA – Vendas no Varejo

Variação mensal – com ajuste sazonal



Fonte: Bureau of labor statistic | Census Bureau. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Na semana que se inicia, o Fed também fará a sua reunião de política monetária em que a taxa básica de juros permanecerá entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a. Aqui a atenção estará voltada na possível manutenção da indicação de 3 cortes de -0,25 p.p. em 2024 em um cenário de resiliência da atividade e gradual desaceleração da inflação.

Reforçando a hipótese de lentidão no processo de desinflação, a divulgação do CPI de fevereiro nos EUA elevou os temores de que o Fed tenha uma postura ainda mais cautelosa, o que poderia adiar ainda mais o início dos cortes na taxa básica de juros. Com o aumento do pessimismo nos mercados globais, a ferramenta *FedWatch* do CME Group reduziu a probabilidade de queda de -0,25 p.p. na reunião de junho, de 59,6% no dia 11/03 para 55,2% na última sexta-feira.

Como consequência os retornos das *T-Notes* exibiram altas consideráveis na semana, com elevações de 0,24 p.p. para 4,72% a.a. no de 2 anos, de 0,27 p.p. para 4,33% a.a. no de 5, de 0,22 p.p. para 4,31% a.a. no de 10 e de 0,17 p.p. para 4,43% a.a. no de 30 anos.

As principais bolsas apresentaram comportamentos semanais distintos, com reduções de -0,7% na Nasdaq e de -0,1% no S&P 500. Já o Dow Jones fechou com estabilidade frente ao encerramento da semana anterior. Com a perspectiva de a autoridade monetária japonesa abandonar a política de taxa de juros negativa, o índice Nikkei 225 caiu -2,5%. Refletindo os dados mais fortes da atividade no Reino Unido, o FTSE 100 subiu 0,9%. Por outro lado, observaram-se elevações de 0,7% no DAX 40 de Frankfurt e de 0,3% no Xangai.

No mercado de *commodities*, o preço da saca de soja negociada em Chicago subiu 2,37%. Com a forte queda de -11,52%, o preço do minério de ferro na bolsa de Qingdao foi impactado por um novo ruído no mercado imobiliário chinês, após a incorporadora *Country Garde* não pagar o cupom de um título de dívida na terça-feira (12/03).

Pesando o aumento nas tensões no conflito do Oriente Médio e no Leste Europeu, o barril de petróleo tipo Brent aumentou em 3,97% para US\$ 85,34. Como fatores que afetaram a precificação da commodity pode-se apontar os ataques às refinarias russas, interrompendo a produção, e o aumento dos estoques da *commodity* nos EUA. Adicionalmente, também tiveram efeito as projeções da Agência Internacional de Energia que elevaram as estimativas para a demanda de 2024 e 2025 e reduziram a projeção de oferta, em linha com a manutenção dos cortes na produção anunciados pela Opec+.

Mesmo com o aumento dos prêmios de risco nos apreçamentos dos ativos emergentes, o risco soberano medido pela cotação do CDS de 5 anos, recuou apenas -5,22 bps para 124,69 bps.. Com as cotações das ações da Petrobrás ainda sentindo os efeitos do anúncio da retenção de dividendos extraordinários e as da Vale refletindo a queda no preço do minério de ferro, o Ibovespa caiu -0,3% na semana.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	15/03/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	126.742	-0,3%	-0,8%	22,5%
Nasdaq	15.973	-0,7%	0,4%	36,3%
S&P	5.117	-0,1%	1,7%	29,2%
Dow Jones	38.715	0,0%	-0,2%	20,1%
FTSE 100	7.727	0,9%	1,7%	4,3%
DAX 40	17.937	0,7%	5,2%	19,8%
Nikkei 225	38.708	-2,5%	1,4%	43,3%
Xangai	3.055	0,3%	6,6%	-5,3%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

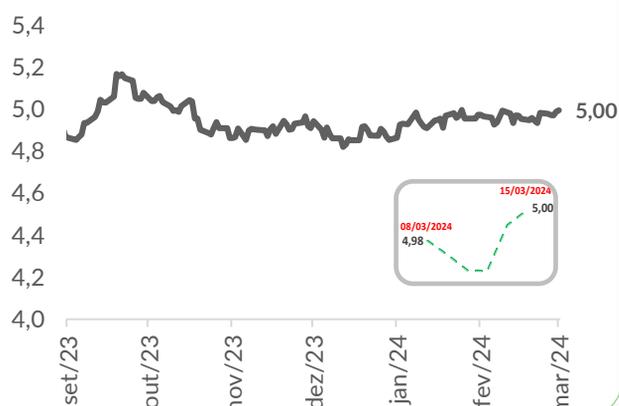
Em linha com o aumento no retorno das T-Notes, o dólar ganhou força na semana. O *Dollar Index*, que mede a variação da divisa norte-americana frente uma cesta de moedas de países desenvolvidos, exibiu uma alta de 0,70%, refletindo as depreciações de 0,96% na libra esterlina e de 0,46% no euro.

Apesar do forte recuo na cotação do minério de ferro, o índice que mede o desempenho de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar encerrou praticamente estável, com uma queda de -0,04%, com destaques para as apreciações de 0,58% no peso mexicano e de 0,57% no peso colombiano, além das depreciações de 1,60% no rublo russo, de 0,47% no peso argentino, de 0,23% no rand sul-africano e de 0,12% na rúpia indiana.

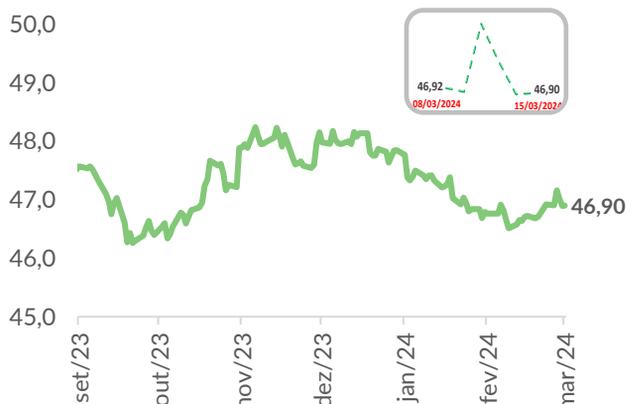
Com desempenho inferior à média de seus pares emergentes, em consonância com o aumento do prêmio de risco no mercado doméstico, o real depreciou-se em 0,24% no período, com o dólar fechando a semana cotado a R\$ 5,00.

O fluxo cambial exibiu uma entrada líquida de US\$ 2,75 bilhões entre os dias 4 e 8/03, decorrente dos resultados líquidos positivos de US\$ 2,01 bilhões na conta comercial e de US\$ 740 milhões na financeira. Ainda na semana, o Banco Central manteve a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 02/05/2024.

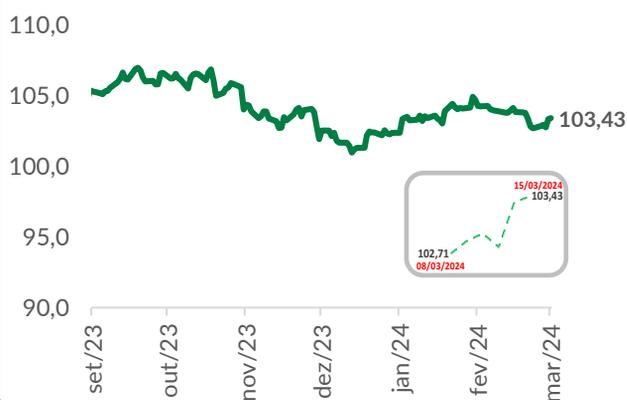
Real/US\$



Índice de Emergentes*



Dollar Index



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

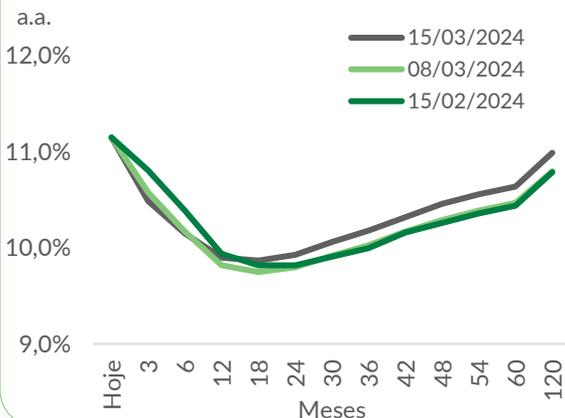
Contemplando as surpresas positivas nos indicadores de atividade, dados qualitativos da inflação confortáveis e o aumento nas taxas de juros externas de longo prazo, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) apresentou um aumento em sua inclinação, fechando com queda nas taxas dos vértices curtos e aumento nas de longo prazo.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa prefixada de 3 meses caiu de 10,58% a.a. para 10,49% e a de 6 meses de 10,17% a.a. para 10,15%. Em alta, o indicador de 1 ano subiu de 9,82% a.a. para 9,90% a.a., o de 2 anos de 9,80% a.a. para 9,93%, o de 3 de 10,03% a.a. para 10,18%, o de 4 de 10,29% a.a. para 10,46%, o de 5 de 10,47% a.a. para 10,64% e o de 10 anos de 10,80% a.a. para 10,99%.

Com base no Boletim Focus divulgado em 08/03, como a inflação esperada para os próximos 12 meses era de 3,51% e a taxa de 1 ano de 9,82% a.a., a taxa real de juros *ex-ante* era de 6,09% a.a., sustentando-se ainda em patamar restritivo.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, aumentou 0,11 p.p. no período para 1,09 p.p., mantendo sua trajetória altista. Com elevação de mesma magnitude, o diferencial das taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, encerrou em 1,32 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros



Taxa de Juros do Swap DI Prefixado de 360 dias



Spread da Taxa de Juros Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA – Fev/24

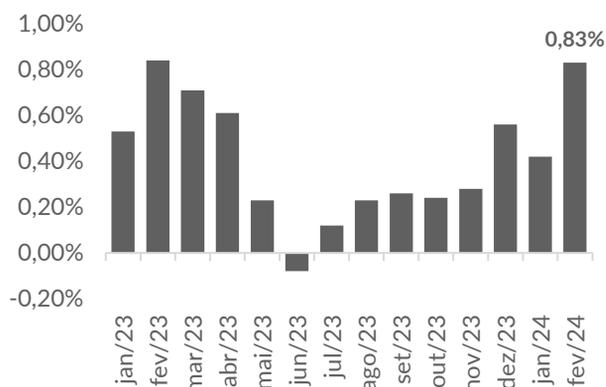
O avanço do IPCA acelerou de 0,42% em jan/24 para 0,83% em fevereiro, superando as projeções do Boletim Focus de uma alta de 0,77%. Como consequência, houve uma ligeira desaceleração da alta de 4,51% a.a. em jan/24 para 4,50% a.a. (5,60% a.a. em fev/23). A variação mensal refletiu fatores pontuais, como os reajustes de mensalidades escolares. Com os cursos regulares ficando 6,13% mais caros, a inflação do grupo educação intensificou a alta de 0,33% em jan/24 para 4,98%, contribuindo com +0,29 p.p. na variação do índice total.

Apesar das mudanças no clima, a inflação do grupo alimentação saiu de 1,38% em jan/24 para 0,95%, impactando em +0,20 p.p.. Com a recomposição da cobrança do ICMS sobre os combustíveis, o grupo Transportes passou de uma deflação de -0,65% em jan/24 para uma elevação de 0,72%, contribuindo com +0,15 p.p.. Todos os combustíveis pesquisados tiveram aumento de preços, destacando-se a alta de 4,52% do etanol e de 2,93% da gasolina. Em contrapartida, os preços das passagens aéreas recuaram -10,71%, retirando -0,09 p.p. do índice.

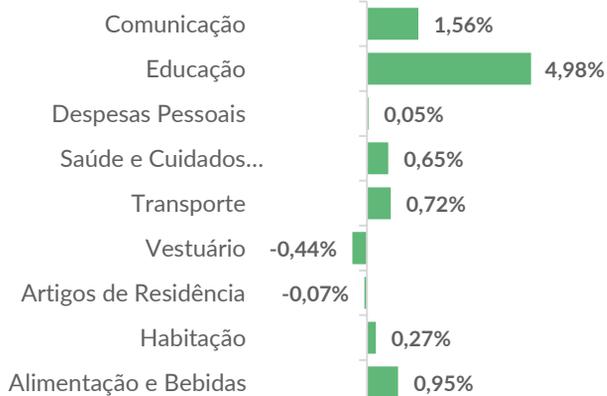
Apesar de um número agregado mais elevado, o resultado trouxe uma composição mais favorável, ratificando a dinâmica benigna para a inflação. As medidas de inflação subjacentes desaceleraram, a de serviços de 5,00% a.a. em jan/24 para 4,89% a.a., a de bens industriais de 2,79% a.a. para 2,12% a.a. e de alimentação de 1,55% a.a. para 1,54% a.a..

Também de forma positiva, o índice de difusão, que mede a proporção de bens e serviços que tiveram aumento de preços, caiu de 65,3% em jan/24 para 57,0% em fevereiro. Já a média dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central passou de 4,25% a.a. em jan/24 para 4,01% a.a..

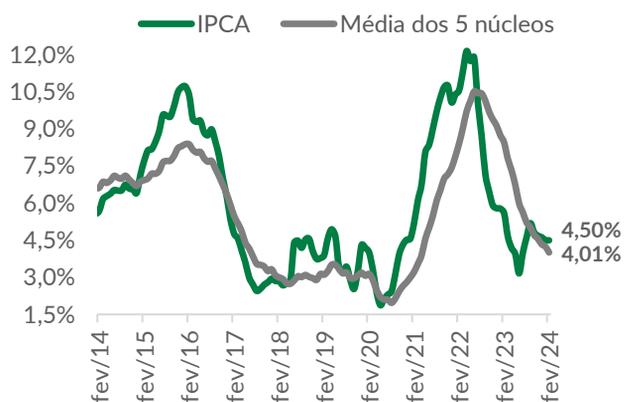
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Variação Anual



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

IBC-Br - Jan/24

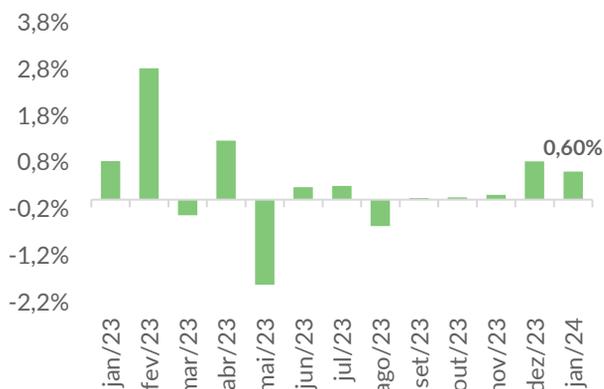
Após ter crescido 0,82% em dez/23, o índice de atividade econômica (IBC-Br) avançou 0,60% em janeiro, na série com ajuste sazonal. O resultado do indicador ficou levemente abaixo do projetado pela pesquisa do Valor Data, de uma alta de 0,70%.

Utilizado como indicador antecedente do PIB, a dinâmica na margem refletiu as altas de 2,5% no varejo e de 0,7% no volume de serviços, além da retração de -1,6% na produção industrial. Ainda na série com ajuste sazonal, a variação trimestral acelerou de 0,22% em dez/23 para 0,90% (-1,18% em jan/23).

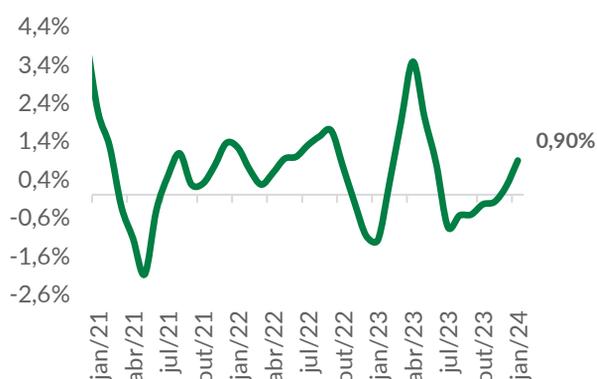
Com isso, o IBC-Br acumulou nos últimos 12 meses uma alta de 2,47% a.a., ante 2,45% a.a. em dez/23 (3,00% em jan/23). Com o resultado de janeiro, o carregamento estatístico para o 1T24 ficou em 1,2%.

Em termos prospectivos, a atividade deve crescer de forma mais robusta, impulsionada pelo mercado de trabalho aquecido, aumento da massa salarial, o impulso da demanda interna com o pagamento dos precatórios, além dos efeitos da política de cortes das taxas de juros.

Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio – Jan/24

Impulsionadas pela combinação de um mercado de trabalho aquecido, ciclo de queda dos juros e estímulos fiscais, as vendas no varejo surpreenderam positivamente em janeiro, revertendo a forte queda em dez/23.

Na série com ajuste sazonal, o volume do comércio restrito avançou 2,5% em janeiro ante uma redução de -1,4% em dez/23, superando expressivamente a mediana de aumento de 0,1% apontada pelo Valor Data. Dessa forma, o indicador situou-se 5,7% acima do nível pré-pandemia (fev/20) e -0,8% abaixo do nível recorde verificado em out/20.

Das atividades que compõem o indicador, 5 de 8 elevaram-se em relação a dez/23, com destaques para vestuários (-6,9% para 8,5%), materiais de escritório (-13,0% para 6,1%) e móveis e eletrodomésticos (-7,4% para 3,6%). Em contrapartida, apresentaram variações negativas: papelaria (-3,1% para -3,6%), artigos farmacêuticos (-0,7% para -1,1%) e combustíveis e lubrificantes (1,3% para -0,2%).

No que se refere ao comércio varejista ampliado, que inclui veículos e motos e material de construção, na série dessazonalizada, o volume das vendas avançou 2,4% ante uma queda de -1,5% em dez/23. O principal contribuidor para este avanço foi a categoria de veículos (-4,2% para 2,8%), enquanto as vendas de materiais de construção caíram -0,2%, após crescer 0,7% em dez/23.

O desempenho de janeiro deixa um carregamento estatístico para o 1T24 de +1,6% no conceito restrito e de +1,9% no ampliado. Já a variação anual das vendas acumuladas em 12 meses saiu de 1,6% a.a. em dez/23 para 1,8% a.a. para o comércio restrito (1,3% a.a. em jan/23), enquanto a do ampliado acelerou de 2,4% a.a. para 2,9% a.a. (-0,5% a.a. em jan/23).

Variação Mensal

Por segmento - com ajuste sazonal

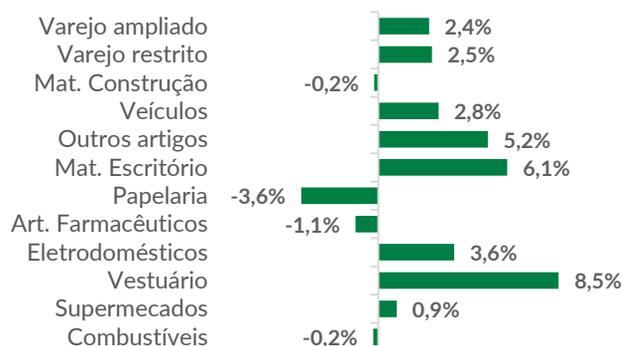


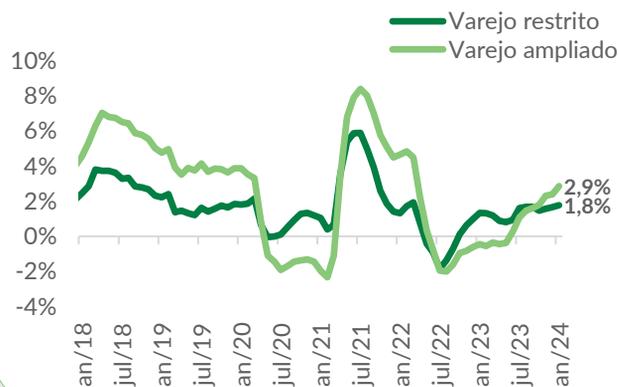
Tabela Resumo

Período	Varejo Restrito		Varejo Ampliado	
	Volume	Receita	Volume	Receita
Jan / Dez*	2,5	0,9	2,4	2,3
MM3*	0,4	0,7	0,8	1,1
Jan 24 / Jan 3	4,1	5,8	6,8	8,2
Acumulado 2024	4,1	5,8	6,8	8,2
Acumulado 12m	1,8	3,7	2,9	5,2

*Série com Ajuste Sazonal

Evolução Anual

Volume de vendas acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal de Serviços – Jan/24

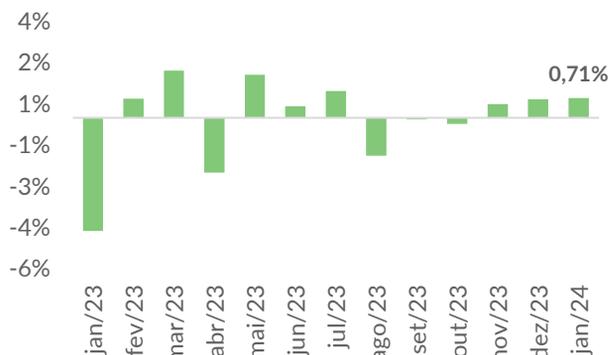
Na série livre de influências sazonais, em janeiro, o volume de serviços avançou 0,71% na margem, superando a estimativa do levantamento da Agência Broadcast de uma queda de -0,50%. Confirmando a tendência observada no varejo e reforçando as perspectivas de uma recuperação da economia no início de 2024, o indicador deixou um carregamento estatístico de +1,3% para o 1T24.

Com 3 altas mensais consecutivas (0,50% em nov/23 e 0,67% em dez/23), o setor acumulou um ganho de 1,90% no período, demonstrando uma recuperação consistente no setor de serviços, que representa cerca de 70% da economia. Em relação ao nível pré-pandemia, o indicador encontrava-se 13,50% acima de fev/20, mas -0,7% abaixo do ponto mais alto da série, ocorrido em dez/22.

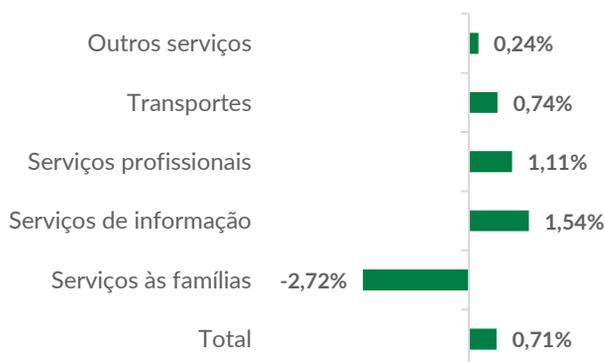
O avanço mensal foi acompanhado por 4 das suas 5 atividades, com destaque para o setor de informação e comunicação que saiu de uma elevação de 0,2% para 1,5% e serviços profissionais, administrativos e complementares de -1,5% para 1,1%. Mesmo com a forte influência de transporte aéreo que teve uma alta de 6,9%, a maior desde mai/23, o setor de transportes reduziu o aumento de 1,0% para 0,7%.

No que se refere à variação acumulada em 12 meses, o volume de serviços apresentou acréscimo de 2,36% a.a. em janeiro, contra 2,40% a.a. em dez/23 (7,91% a.a. em jan/23). Na decomposição por setores, houve elevações em serviços prestados a famílias (4,21% a.a.), serviços de informação e comunicação (3,74% a.a.), serviços profissionais, administrativos e complementares (3,58% a.a.) e transportes (1,38% a.a.). Em contrapartida, o segmento de outros serviços recuava em -1,55% a.a..

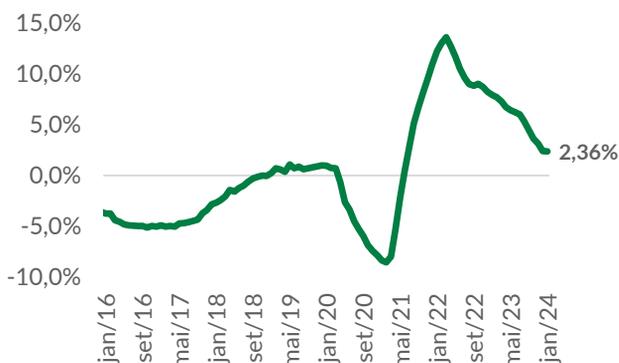
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Mensal Por segmento - série com ajuste sazonal



Evolução Anual Volume de serviços acumulados em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

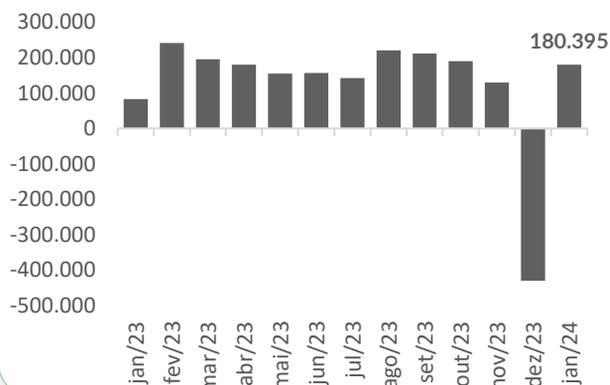
Emprego – Jan/24

Apoiado na geração de vagas formais, em especial no setor de serviços, o mercado de trabalho manteve sua trajetória de aquecimento em janeiro. De acordo com o Caged, foram criadas 180,4 mil vagas de empregos formais em janeiro, decorrentes de 2.067,8 mil contratações e de 1.887, mil demissões. A quantidade total de vínculos celetistas ativos era de 45.697.670, o que representou uma alta de 0,39% em relação ao estoque de dez/23 (+% em relação a jan/23).

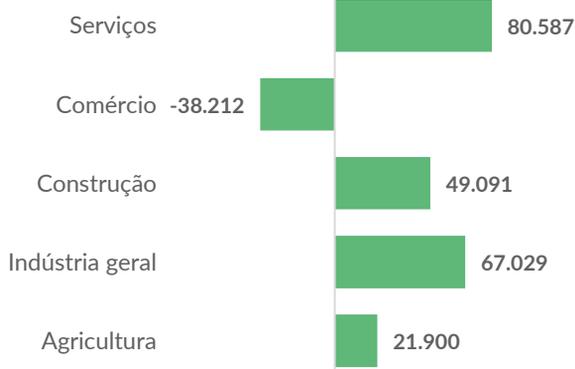
Dentre os grandes grupamentos de atividade econômica, 4 dos 5 registraram saldos positivos: serviços (+80.587 postos); indústria geral (+67.029 postos), sobretudo na indústria de transformação (+65.763 postos); construção (+49.091 postos) e agropecuária (+21.900 postos). Em contrapartida, o comércio retirou -38.212 postos.

No que tange aos rendimentos, o salário médio de admissão ficou em R\$ 2.118,32, o que representou elevações reais de 3,4% no mês e de 0,8% em relação ao mesmo período de 2023.

Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Saldo Mensal
Em número de pessoas



Salário de Admissão
Valor médio – deflacionado pelo INPC em R\$



Fonte: MTE.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	8,0
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,8
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,7
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-37,2
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	4,93
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,6
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688